

Feminismo como cuidado: “Grupo Madalenas”, roda de mulheres em situação de rua

Lídia Valesca Bonfim Pimentel Rodrigues

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC

Pesquisadora no Observatório da Violência contra a Mulher - Observem da Universidade Estadual do Ceará UECE

lidiavalesca@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7133-0707>

Resumo

Este artigo faz parte de um estudo sobre mulheres em situação de rua em Fortaleza-CE, perfazendo a discussão sobre gênero e vida nas ruas a partir das narrativas das mulheres participantes do “Grupo Madalenas”, um projeto inserido no contexto das atividades do “Grupo Espírita Casa da Sopa”. Buscou-se investigar as especificidades de gênero no debate sobre as populações em situação de rua e as violências sofridas por ela. A discussão sobre o cuidado entre mulheres parte das noções de sororidade, cuidado social e interseccionalidade, tendo em vista a realidade de pobreza e exclusão social em que vivem e as estratégias de cuidado de si e com as outras para o enfrentamento das violências sofridas em situação de rua. Seguindo o método da pesquisa-ação, o estudo construiu uma teia de conhecimentos que parte das experiências em grupo, as narrativas das participantes e os saberes produzidos pelas mulheres como saídas para a superação da situação de rua. Nas narrativas sobre si, “a fala das Madalenas”, revelaram que a violência perpassa suas vidas desde casa, com a ruptura dos laços familiares, até as ruas, com base no machismo estrutural da sociedade e agravada pela pobreza e pela exclusão social. Em grupo, as mulheres constroem uma ação política ao mesmo tempo que cuidam de si e das outras, em uma modalidade de aliança feminista pelo cuidado.

Palavras-chave feminismo; cuidado entre mulheres; mulheres em situação de rua; exclusão social.

Feminism as care: ‘Group Madalenas,’ circle of homeless women

Abstract

This article is part of a study on homeless women in Fortaleza, Ceará, Brazil, discussing gender and life on the streets based on the narratives of women who participate in the ‘Group Madalenas,’ a project within the context of activities of the ‘Spiritist Group Casa da Sopa.’ It was sought to investigate the specificities of gender in the debate on the homeless populations and the violence experienced by them. The discussion about care among women is based on the notions of sorority, social care, and intersectionality, taking into account the reality of poverty and social exclusion in which they live and the strategies for caring for themselves and others to face the violence experienced living on the streets. Following the action research method, the study has built a web of knowledge that starts from group experiences, narratives by participants, and knowledge produced by women as ways to overcome homelessness. In the narratives about themselves, ‘the speech of Madalenas,’ revealed that violence permeates their lives from home, with the rupture of family ties, to the streets, based on structural machismo in society and aggravated by poverty and social exclusion. As a group, women build political action while taking care of themselves and others, in a form of feminist alliance for care.

Key words feminism; care among women; homeless women; social exclusion.

Feminismo como cuidado: “Grupo Madalenas”, círculo de mujeres sin hogar

Resumen

Este artículo es parte de un estudio sobre mujeres sin hogar en Fortaleza, Ceará, Brasil, discutiendo género y vida en la calle a partir de las narrativas de mujeres que participan en el “Grupo Madalenas”, un proyecto en el contexto de las actividades del “Grupo Espiritista Casa da Sopa”. Se buscó investigar las especificidades de género en el debate sobre las poblaciones sin hogar y las violencias vividas por ellas. La discusión sobre el cuidado entre mujeres se fundamenta en las nociones de sororidad, cuidado social e interseccionalidad, teniendo en cuenta la realidad de pobreza y exclusión social en la que viven y las estrategias de cuidado de sí mismas y de las otras para enfrentar las violencias vividas en las calles. Siguiendo el método de investigación-acción, el estudio ha construido una red de conocimiento que parte de experiencias grupales, narrativas de las participantes y conocimientos producidos por mujeres como formas de superar la falta de vivienda. En las narrativas sobre sí mismas, “el habla de las Madalenas”, reveló que la violencia permea sus vidas desde el hogar, con la ruptura de los vínculos familiares, hasta las calles, basada en el machismo estructural de la sociedad y agravada por la pobreza y la exclusión social. Como grupo, las mujeres construyen acción política mientras se cuidan a sí mismas y a las otras, en una forma de alianza feminista por el cuidado.

Palabras clave feminismo; cuidado entre mujeres; mujeres sin hogar; exclusión social.

« Groupe Madalenas », cercle de femmes sans-abri

Résumé

Cet article fait partie d'une étude sur les femmes sans-abri à Fortaleza, Ceará, Brésil, discutant du genre et de la vie dans la rue à partir des récits de femmes qui participent au « Groupe Madalenas », un projet dans le contexte des activités du « Groupe Spirite Casa da Sopa ». Nous avons cherché à enquêter sur les spécificités de genre dans le débat sur les populations sans-abri et les violences qu'elles subissent. La discussion sur le soin chez les femmes se base sur les notions de sororité, soin social et intersectionnalité, en tenant compte de la réalité de pauvreté et d'exclusion sociale dans laquelle elles vivent et des stratégies de soin d'elles-mêmes et des autres pour faire face à la violence vécue dans la rue. Suivant la méthode de recherche-action, l'étude a construit un réseau de connaissances qui part des expériences de groupe, des récits des participantes et des connaissances produites par les femmes comme moyens de surmonter le manque de logement. Dans les récits sur eux-mêmes, « le discours des Madalenas », ils ont révélé que la violence imprègne leur vie depuis leur domicile, avec la rupture des liens familiaux, jusqu'à la rue, fondée sur le machisme structurel de la société et aggravé par la pauvreté et l'exclusion sociale. En tant que groupe, les femmes construisent une action politique tout en prenant soin d'elles-mêmes et des autres, dans une forme d'alliance féministe pour le soin.

Mots-clés féminisme; soins entre femmes; femmes sans-abri; exclusion sociale.

Introdução

Este artigo faz parte de um estudo sobre mulheres em situação de rua, com foco nas violências sofridas em suas trajetórias e as formas de superação encontradas na vivência em grupo. A pesquisa nasceu de uma experiência no “Grupo Madalenas”, uma roda de mulheres que se encontram semanalmente no contexto no “Grupo Espírita Casa da Sopa”¹, organização social sem fins lucrativos que atua há 28 anos com população em situação de rua. Com recorte teórico-metodológico que recai sobre a discussão do cuidado entre mulheres, o estudo teve por objetivo compreender como as estratégias encontradas em grupo podem ajudar a superar a situação de rua e, ao mesmo tempo, produzir um sentido de emancipação como mulheres no contexto de exclusão e extrema pobreza no qual estão inseridas.

Seguindo o método da pesquisa-ação, partiu-se da experiência em grupo, das narrativas e dos sentidos do cuidado como propostas feministas. Nesse sentido, o arcabouço teórico sobre as epistemologias feministas inclui a teoria crítica, interseccional: a pobreza, a classe e o racismo estrutural como realidades que perpassam a vida em situação de rua. Também se segue uma abordagem decolonial, tendo as participantes do Madalenas como produtoras de conhecimento sobre si e sobre a realidade das mulheres em situação de rua.

1 Organização não governamental (ONG) criada em 1995 com o objetivo de proporcionar assistência social, segurança alimentar, educação e defesa de direitos da população em situação de rua. Segue o modelo de ação do tratamento comunitário, é membro da Rede Americana de Intervenção nas Situações de Sofrimento Social (RAISSS) e realiza diversos projetos, como o Grupo Madalenas, a Escola Mandacaru e a Cozinha Comunitária, dentro do Programa Ceará sem Fome.

A produção acadêmica sobre mulheres em situação de rua ainda é diminuta. Atualmente, após a pandemia de doença por coronavírus 2019 (COVID-19), temos vivido um aumento em escala exponencial do número de pessoas em situação de rua por todo o país. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2016 havia 101.854 pessoas vivendo em situação de rua no Brasil; em março de 2020, estopim da pandemia no país, chegamos a 220 mil pessoas em situação de rua, um aumento de 216% (Coldibeli, Paiva, & Batista, 2022).

Em Fortaleza-CE, o censo municipal realizado em 2021 identificou 2.653 pessoas em situação de rua (17,2% eram mulheres). Apesar de as mulheres serem minoria em comparação aos homens, desde a COVID-19 há um expressivo aumento do número de mulheres que buscam as ruas como estratégia de sobrevivência. Interessou-nos compreender a vida das mulheres em situação de rua, “lançar luz” sobre sua condição de invisível, registrando suas narrativas para contribuir com o debate e produzir sentidos para o desenvolvimento de políticas públicas.

Pela natureza da pesquisa-ação e do engajamento na luta pela garantia de direitos, o resultado deste estudo tem dupla condição: a) colaborar com a produção acadêmica; e b) intervir junto com as mulheres, sujeitos da pesquisa, para a construção de uma consciência sobre sua própria realidade e desenvolver potencialidades e estratégias para a superação da situação de rua.

Adotando a metodologia da pesquisa-ação na mediação de rodas de conversa de mulheres em situação de rua, pesquisadores e sujeitos de pesquisa se encontram no mesmo espaço, dialogando sobre suas experiências nas ruas a partir de temas relacionados às violências no percurso casa-rua. Assim, a abordagem parte do cuidado à mulher em situação de rua,

A epistemologia feminista é ampla e tem matizes teóricos no próprio percurso das *ondas feministas*, contexto no qual as lutas por direitos das mulheres foram se encadeando historicamente. No entanto, as mulheres em extrema pobreza, aquelas que sofrem as perversas consequências do capitalismo, enfrentam ainda mais dificuldades. No âmbito da intervenção das políticas públicas, o *feminismo como cuidado uma das outras* vê na intersubjetividade, nas histórias de vida e no resgate da cidadania o caminho para superar as violências sofridas.

Mulheres em situação de rua no contexto da cidade

As pessoas em situação de rua constituem um grupo populacional que vive no contexto urbano; sua existência está relacionada à pobreza, ao desalento e à fragilização dos vínculos sociais formais, como o trabalho, a família, a escola etc., segundo Esmeraldo

e Ximenes (2022). A multidimensionalidade da pobreza vai além da dimensão monetária, abrange as restrições das capacidades e da liberdade e a dificuldade de acessar os direitos fundamentais (como educação, saúde, moradia etc.).

Viver nas ruas impõe: a) exclusão social; b) violação da dignidade humana; c) reinvenção das relações sociais (sociabilidade marcada pela demarcação de territórios); d) longos percursos a pé; e) trabalho precário; f) uso do espaço público para dormir; g) mendicância; e h) dependência dos serviços de assistência social para sobreviver.

De acordo com o art. 1º, parágrafo único, do Decreto n. 7.053 (2009), que instituiu a política pública para a população em situação de rua:

Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Considerar uma categoria rígida que define a pessoa em situação de rua pode ocultar a complexidade de uma trajetória de vida de exclusão multicausal, que engloba o percurso pessoal e as influências subjetivas e sociais nas ruas, onde se imbricam a extrema pobreza, o desalento, o uso problemático de drogas, a privação de liberdade, os conflitos familiares, as disputas territoriais das facções criminosas, o acometimento de transtornos mentais etc.

Apesar dos números imponentes, a invisibilidade é uma categoria-chave para a compreensão desse fenômeno social. Ao se referir à multidão que tomou as ruas na pandemia COVID-19, Rodrigues (2022) afirma que a aparição de um contingente de pessoas em extrema pobreza nas regiões centrais não o tirou da invisibilidade. Ser invisível é não ter o direito de existir com dignidade, é uma vida vulnerável, relegada ao abandono, como reflete criticamente Butler (2019) sobre os efeitos do neoliberalismo na vida dos mais pobres.

Em 2021 foi realizado o censo municipal da população em situação de rua em Fortaleza, com abordagem quantitativa. Considerando somente quem dorme na rua, sem contar quem transita em busca de trabalho ou alimentação para viver, 2.653 pessoas viviam nas ruas da capital cearense.

Múltiplas são as mulheres em situação de rua. Nas praças estão aquelas que circunstancialmente vivem nas ruas, muitas saem de bairros periféricos, aguardam os “estouros” (isto é, entrega de alimentação nas praças) com seus filhos ou sozinhas; outras vivem nas ruas, dormem nas praças ou em abrigos públicos. De acordo com o censo de Fortaleza, as mulheres são 17,02% do universo de pessoas em situação de rua. Já em relação

à identidade de gênero, 96,8% são pessoas cisgênero, 1,5% são mulheres transexuais, 0,7% são travestis, 0,5% são homens transexuais e 0,2% são pessoas não binárias.

A pandemia de COVID-19 acentuou a pobreza e a insegurança alimentar nas ruas de Fortaleza, fazendo com que a rua se enchesse de gente em busca de alimentação. Durante os dias de confinamento (*lockdown* em inglês), o centro da cidade foi destino de peregrinação para vários trabalhadores sem alternativa de sobrevivência, que se somaram às pessoas que já moravam nas ruas. O período pós-pandemia acentuou o número de pessoas em situação de rua, elevando de modo expressivo a quantidade de mulheres.

Na dinâmica da vida nas ruas, as mulheres são marcadas tanto pela necessidade de sobrevivência quanto pela resignificação de sua própria vida. Em diversas falas, as mulheres atendidas pela Casa da Sopa ressaltam que viviam situações de opressão e violência no lar e que a saída de casa para as ruas ocorreu para que pudessem ter liberdade, tratava-se de uma fuga dos conflitos. Após a morte dos pais, também aparecem nas narrativas situações ligadas a violência patrimonial por parte de irmãos.

No censo municipal de 2021, 57,8% das pessoas entrevistadas afirmavam estar nas ruas devido a conflitos familiares. 29,7% por dependência química, 18% pela perda de moradia e 18% pela perda do trabalho. Em uma abordagem qualitativa, identificamos que os conflitos familiares estão interligados à dependência química e à perda da moradia.

A discussão sobre gênero, compreendida em uma perspectiva interseccional, lança luz sobre o percurso de vida, com o agravamento da situação de pobreza, a existência como pessoas negras, o machismo estrutural, as inúmeras formas de violência, os abusos e os assédios aos quais se encontram expostas nas ruas por serem mulheres. As mulheres travestis e transexuais têm ainda mais camadas de vulnerabilidade em uma cidade com altos índices de violência contra as comunidades LGBT. No ano de 2021, o Ceará ficou na quarta posição entre os estados que mais mataram travestis e transexuais (Bastos, 2022). Elas desafiaram a morte por COVID-19 e, junto com outras mulheres em situação de rua, continuam a circular pela cidade em meio aos homens com seus “corpos não sutis”, quebrando a hegemonia masculina e fazendo-se notar como mulheres.

As mulheres marcadas pelo estigma da pobreza e da prostituição estão ainda mais sujeitas à “discriminação cotidiana” interseccional à sua condição de raça e gênero. Segundo Ximenes et al. (2022), a discriminação cotidiana vivida pelas pessoas em situação de rua está circunscrita ao seu corpo, à pele desgastada, ao cheiro de sol e suor, a símbolos depreciativos (como o uso de sacolas e “mocós” como extensão de si). Os autores ressaltam as formas abertas e sutis, concluindo que quanto maior a pobreza, maior a discriminação cotidiana (Ximenes et al., 2022).

A questão de gênero e suas expressões no contexto da situação de rua

Os estudos sobre gênero e situação de rua podem partir da perspectiva das *narrativas de vida*, correlacionando diversas dimensões da experiência das ruas. Por sua natureza complexa, o norte teórico desta pesquisa visa a discussão a partir do tripé *gênero, corpo e pobreza* e suas imbricações, abrindo caminho para refletir sobre o viver nas ruas por meio das narrativas de vida. Um olhar sobre si e sua condição de mulheres em uma cidade marcada por altos índices de violência e pela desatenção das políticas públicas diante do feminino no contexto da situação de rua.

Gênero é uma categoria que vem se desenvolvendo nas Ciências Humanas desde a década de 1970, sendo atualmente associada a *interseccionalidade*. Partindo da leitura da historiadora Joan Scott, Frota (2020, p. 17) afirma:

[...] essa categoria foi empregada por muitos séculos em sentido figurado em termos gramaticais para identificar os traços de caráter e sexuais das pessoas. Só muito recentemente, todavia, as feministas começaram a utilizar a palavra gênero, buscando um sentido de expressar a organização social da relação entre os sexos.

O *estudo de gênero* se refere às relações sociais entre os sexos e a identidade, superando as dimensões biológicas; desse modo, remete a dimensões tanto históricas, do patriarcado, quanto sociais, estruturadas pelo machismo. No percurso teórico dos estudos de gênero, as questões relativas ao patriarcado e à ideologia pautada por uma natureza binária homem/mulher estão inscritas em uma produção de sentidos que permeiam o religioso, os símbolos do masculino e do feminino, a identidade subjetiva, as repercussões políticas e as relações de poder (Frota, 2020).

Como afirma Butler (2019), ser homem ou ser mulher é um jeito de aparecer no mundo e tornar-se passível de reconhecimento. É nesse sentido que ser mulher assume uma perspectiva identitária que abrange um conjunto de elementos não biologicamente determinados.

No caso dos estudos com a população em situação de rua, as formas de opressão das mulheres estão intimamente interseccionadas com a pobreza e as condições estruturais do patriarcado e do machismo estrutural. Suas histórias de vida são marcadas por vivências convergentes, como dificuldades financeiras, transtornos mentais, uso abusivo de álcool e drogas e ruptura de vínculos familiares (Coldibeli, Paiva, & Batista, 2022).

Esses autores ressaltam o entrelaçamento entre as situações de pobreza, opressão e desigualdade de gênero como expressão da sociedade capitalista (Coldibeli, Paiva, &

Batista, 2022). A discriminação e a humilhação social sofridas pela mulher em situação de rua, tida como fracassada, que não conseguiu vencer os obstáculos, acusada de não cumprir seu papel de mãe e de esposa, são frutos de uma ideologia individualista e meritocrática da sociedade capitalista, como apresenta os autores (Euzebio & Souza, 2022). Isso se encontra completamente fora dos padrões das classes dominantes, que buscam impor como universais seus valores ocultando a perspectiva histórica e social das estruturas de poder patriarcal da elite branca.

As mulheres em situação de rua têm seus percursos marcados pela pobreza, pelo abandono e pela precarização da vida. Em seus relatos, elas afirmam ter vivido situações de violência doméstica por parte de familiares e/ou parceiros antes de irem para as ruas, além de perdas patrimoniais (quando ficam sem moradia) e perseguição por facções criminosas.

Nas ruas, as situações de violência são muito frequentes; tão drásticas quanto as violências domésticas, as violências sofridas no espaço público são marcadas pelas mesmas expressões do patriarcado que oprimem as mulheres, impedindo sua participação como cidadãs plenas de direitos. Como indica Arendt (2006), a esfera pública é o lócus da ação política e da cidadania. É no espaço reservado para a pluralidade que moram as pessoas singulares. Essa é uma questão fundamental para entender as histórias de vida. No entanto, no caso das mulheres em situação de rua, a reconfiguração da vida privada na esfera pública abre um novo campo para entendermos as violências: vivendo nas ruas, as mulheres estão diante de maior vulnerabilidade do que os homens.

Historicamente, o *cuidado social* promovido pelo Estado junto às mulheres brancas se diferencia daquele proporcionado às mulheres negras dos estratos mais pobres da sociedade e a ausência de políticas públicas gerou um circuito de vulnerabilidades entre as mulheres pobres e negras que se encontram em situação de rua (Coldibeli, Paiva, & Batista, 2022, p. 294):

[...] as mulheres em situação de rua, situadas nas camadas mais pobres da população, em sua maioria negras, para além da precarização imposta às mulheres negras, vivenciam aquela imposta à pessoa em situação de rua. Carregam consigo preconceitos e opressões ligadas ao gênero, que confere a elas uma inferioridade “natural” do lugar da mulher, e ao da raça, sustentada, entre outros fatores, pelas características particulares da escravidão brasileira, que deixou como legado o homem branco no topo da hierarquia social.

Sob o prisma da intersecção, essa questão corrobora uma compreensão da complexidade da vida das mulheres em situação de rua, já que sua condição está ligada à pobreza e às influências históricas do racismo e do machismo estrutural presentes em suas

vidas. Nesse sentido, as camadas de vulnerabilidade, seja pela raça, pela condição social, pela situação etária, pelo território ou pela orientação sexual, entre outras situações, fazem com que sejam vitimadas pela discriminação.

A intersecção é uma ferramenta teórica indispensável para a análise das mulheres em situação de rua. Apresentado por Ângela Davis em 1981, o conceito de *intersecção* é uma ferramenta epistemológica para a compreensão da situação de rua; as várias camadas das histórias de vida são permeadas por marcadores sociais estruturantes da sociedade capitalista, quais sejam, *a desigualdade social, a precarização do trabalho e a discriminação racial* (Davis, 2016).

Os percursos, partindo da periferia, estão relacionados à busca pela sobrevivência e ao desalento. Muitas vezes, a rua é o único horizonte para a sobrevivência imediata. No entanto, viver na rua produz violações de direitos, que são ainda mais graves para as mulheres. No espaço público, elas se veem sujeitas a tipos de violência como o assédio moral e sexual, a importunação sexual e o estupro, bem como as diversas formas de discriminação.

Nas trajetórias das mulheres em situação de rua, os diferentes aspectos da violência demonstram que, apesar de perpassarem toda a sociedade, entre as mulheres pobres e negras, eles se tornam ainda mais graves. As mulheres em situação de rua são a antítese do mandamento patriarcal que idealiza a mulher perfeita: boa mãe e servil ao homem (seja o pai ou o marido). Elas relatam um conjunto de perdas e danos que envolve abandono dos filhos, passagem pelo sistema prisional e discriminações marcadas pela dor e pela superação.

Madalenas: uma roda de mulheres, o cuidado de si e da outra

No Ocidente, os círculos de mulheres têm início no século XX, mas sua origem remonta ao culto à deusa mãe, adorada desde os primórdios da agricultura. Para aqueles povos, o sentido de integração entre a natureza e as mulheres era o princípio criador que conferia unidade a todas as formas vida, engendrando coesão entre o mundo natural e o mundo material humano (Cordovil, 2015; Tripp, 2005).

Para os antigos, o *círculo* remontava à percepção da realidade natural, ao movimento circular dos astros, das estações do ano, aos túmulos, aos mandalas, aos amuletos de proteção etc. Com a dominação cristã, a adoração à deusa mãe e os rituais de fertilidade foram substituídos por outros rituais, sem a presença de mulheres, e nos locais onde ocorriam foram erguidas igrejas (Faur, 2011).

Em uma comunidade tradicional, as atividades em círculo são uma tecnologia social de educação que, por meio da memória, acessa o passado, vive o presente e garante o futuro (Nogueira, 2022); é por meio da circularidade que se mantém a tradição, a identidade preservada para as futuras gerações. A narração é uma maneira de reinventar a realidade.

Na contemporaneidade, como ação de encontro entre mulheres, mesmo sem os símbolos cerimoniais, seu contorno circular promove o sentido de pertencer pela identidade de gênero, pelas experiências, pelo reconhecimento de si e da outra como mulher(es). Uma roda tem em si a dimensão da circularidade. Um círculo de mulheres permite a visualização por inteiro de todos os participantes e a possibilidade de fala e escuta em igualdade. A palavra pronunciada em uma roda de mulheres tem o poder gerar um tipo de escuta que ressoa no todo, promovendo o sentido da sororidade. Cada participante acolhe a fala da outra e conecta-se a ela, por similaridade, empatia, compaixão, cuidado umas com as outras. A maneira como você relata o que vive é uma forma de agir, de agir, de viver, de fazer algo a respeito de si e colocar-se diante do outro (Nogueira, 2022).

Segundo Fernandes (2021), apesar de estar em voga, *sororidade* não é uma palavra nova:

A sororidade consiste numa resposta igualmente etimológica, já que é composta pelos termos latinos *soror*, -oris: irmã, -dade. Mas, ao contrário da irmandade entre freiras e monjas que se casam com Deus e a Ele juram fidelidade, a sororidade é um pacto político de gênero entre mulheres que, reconhecendo-se como interlocutoras, são fiéis a si mesmas e às outras mulheres, sem hierarquia. Embora esteja etimologicamente relacionada ao laço afetivo que idealmente deveria haver entre irmãs ou a uma rede de apoio presumivelmente cultivada por freiras nos conventos, a sororidade, numa dimensão ética e política, tornou-se um tema e uma prática do feminismo contemporâneo.

Para o movimento feminista, na atualidade, sororidade é um novo modo de atribuir sentido à aliança entre as mulheres diante do patriarcado. Em contrapartida, nas disputas entre as mulheres, a sororidade é uma ação política quando o amor se traduz em resistência e reinvenção de uma nova realidade. Hooks (2023) diz que a sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado para lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que tal injustiça assuma. Enquanto as mulheres usarem seu poder de classe e raça para oprimir outras mulheres, a sororidade não poderá existir por completo.

Para as epistemologias feministas, o cuidado é uma categoria importante em busca do fortalecimento da consciência de si e do empoderamento das mulheres no enfrentamento às violências, com uma perspectiva interseccional. Tendo em vista o sofrimento das mulheres submetidas à pobreza, das mulheres negras, das mulheres indígenas, daquelas em situação de rua etc., o cuidado é uma prática social que alcança a dimensão política, trata-se de um tipo de aliança entre indivíduos submetidos a uma vida precarizada (Butler, 2019).

A roda das Madalenas

O “Grupo Madalenas”, mulheres em situação de rua, nascido em 2021 no âmbito do “Grupo Espírita Casa da Sopa”, ainda sob os efeitos da pandemia de COVID-19, é um projeto que tem por objetivo reunir mulheres em situação de rua, proporcionando cuidado, acolhimento, higiene pessoal, banho e troca de roupas. Com foco no gênero, as atividades do grupo englobam mulheres cis e transexuais, de diversas idades, com faixas etárias entre 25 e 60 anos. Suas reuniões ocorrem uma vez por semana e as participantes têm livre acesso, sem necessidade de inscrição prévia.

O nome *Madalenas* foi uma sugestão das próprias participantes e surgiu durante uma dinâmica sobre Maria Madalena, personagem dos Evangelhos que sofreu estigma por parte dos próprios seguidores de Jesus, sob o imaginário de “pecadora”, “arrependida” “endemoniada”. No meio daquela dinâmica, uma das participantes disse: “*então, somos iguais a Madalena!*”. A partir desse dia, o grupo passou a se autorreferenciar como *Madalenas*.

No espaço da Casa da Sopa reservado só para elas, têm acesso a banho, roupas limpas, produtos de higiene pessoal etc. O autocuidado é um elemento fundamental para a superação da situação de rua, englobando o contato com o próprio corpo e a possibilidade de ausentar-se da dureza da rua por um momento. A autoestima se eleva quando elas se olham no espelho, localizado na sala que dá acesso aos banheiros. Ver-se, pentear-se, maquiar-se, ações tão simples, têm um efeito transformador no corpo de quem dorme nas ruas.

A roda de conversa ocorre uma vez por semana. Em círculo, as mulheres em situação de rua falam sobre si partindo de um tema ou de uma situação problema. As falas são espontâneas e acompanham as experiências e os acontecimentos. As travestis têm lugar de fala especial no “Grupo Madalenas”, com eloquência e alegria, animando o especial com seu escracho e sua resistência. Ao longo de dois anos de existência, as rodas de conversa acumulam falas e vivências das ruas como um reexistir em meio às constantes violações de seus direitos.

Ao mesmo tempo, trata-se de um espaço de cuidado e de ação política para a produção de discurso e empoderamento de si como agente de mudança social. Na Casa da Sopa, as mulheres em situação de rua se conectam à rede de atendimento e aos grupos de monitoramento das políticas públicas, tensionando as questões gênero que muitas vezes são invisibilizadas pelos gestores públicos. Desse modo, o “Grupo Madalenas” constitui uma experiência de ajuntamento que reverbera positivamente no campo das políticas públicas em Fortaleza.

A voz das Madalenas no círculo de mulheres

Uma questão fundamental para compreender as violências sofridas por mulheres em situação de rua é o binômio casa (vida privada)/rua (vida pública). As violências no âmbito da família e aquelas vividas no espaço público são constantes. Nas rodas de conversa do “Grupo Madalenas”, as participantes narram que viveram situações de violência no âmbito familiar e outras formas de violências surgiram quando chegaram às ruas. Em casa, a violência é praticada por pais, irmãos e companheiros; nas ruas, elas é praticada por desconhecidos, homens que se aproveitam da exposição de seus corpos ao dormirem nas praças e marquises para praticarem assédio e abuso.

As mulheres em situação de rua puderam se expressar em dois momentos diferentes; no primeiro, foi pedido que cada um falasse de sua família, das lembranças de sua casa. Os relatos são densos e demonstram a dureza da pobreza e das situações de abuso por parte dos familiares, principalmente do pai e da mãe. Os castigos corporais, o abandono e as violências sexual e patrimonial são constantes nas narrativas como “divisores de águas”, motivadores da ruptura dos vínculos familiares. Os conflitos entre irmãos relativos à herança e a consequente perda da casa da família são fatores que tornam as mulheres vulneráveis à situação de rua: elas não têm onde morar e não têm autonomia financeira.

Nas ruas, a violência pode ser praticada por desconhecidos, pelos próprios companheiros e pelos “donos da praça”. A importunação sexual, como passar a mão enquanto a pessoa está dormindo no chão, o estupro enquanto a pessoa está usando drogas e sem as forças para se defender e as ameaças das facções criminosas foram os relatos mais constantes. Elas dizem que “*é perigoso para as mulheres morar na rua*” e “*não é bom ficar sozinha, tem que dormir perto de conhecidos*”. As mulheres transexuais e travestis são ainda mais vulneráveis, porque estão sujeitas a transfobia e agressões letais.

Os relatos de violências antes de viver nas ruas são marcantes:

Meu pai me batia de corda, de cinturão, até que um dia eu fugi de casa. Eu me escondia, passava dias por aí, até ir para Fortaleza, pro Centro. (Dilva, 66 anos)

Meu pai praticamente me vendeu, com quinze anos, eu fiquei junto com um velho e quando eu consegui me livrar, vim do Piauí para a rua, eu vivi quarenta anos na rua... (Lucimar, 57 anos)

Cheguei na rua com 13 anos, solta na vida. Eu vivi na droga e hoje eu não tomo mais nada, não. Agora eu sei que eu nunca tive apoio de pai e nem mãe. (Marcia, 47 anos)

Eu comecei a trabalhar em casa de família com 12 anos. Encontrei um namorado e me juntei com ele quando eu tinha 16, ele me maltratava muito, então saí de casa e passei 3 anos na rua. (Clecia, 51 anos)

Depois que minha mãe e meu pai morreram, a confusão começou, eu preferi morar na rua do que engolir os desaforos,

fui praticamente colocada pra fora de casa... (Virginia, 54 anos)
Enquanto eu trabalhava tava tudo bem, mas depois que fiquei desempregado, minha mãe não me aceitou como eu era, o macho dela ficava me encarando todo dia. Eu vim para a rua há três meses e encontrei respeito. (Borboleta, mulher trans, 27 anos)

Lançou-se a seguinte pergunta durante uma dinâmica para mapear espaços de violências nas regiões onde vivem: “*Você tem medo de estar em algum lugar na cidade?*”

Cada participante falou da razão de seu medo. A ideia foi proporcionar uma conversa sobre a violência sofrida, bem como pensar em estratégias de ação nesses espaços:

Praça dos Leões: *Tem homem que não respeita a gente, só porque está dormindo na rua, pensa que pode ir pegando na gente, passando a mão. (Borboleta, mulher trans, 27 anos)*

Praça da Lagoinha: *Um dia eu fumei muito e me droguei, eu perdi as forças, acordei com dois homens em cima de mim. Eu não tive como me livrar. (Marcia, 47 anos)*

Perto da Praça dos Leões: *Os donos da Ferreira levam para tomar umas “caibadas”. (Dilva, 66 anos)*

Próximo ao viaduto da Leste-Oeste: *Lá tem o trafico, eles não dispensam, se é homem ou se é mulher, eles espancam, matam. (Virginia, 54 anos)*

Nenhum lugar específico: *Não tenho medo de nenhum lugar, quando eu morava na rua era eu que botava medo nas pessoas. (Lucimar, 57 anos)*

Conclusão

As mulheres são minoria nas ruas em comparação com os homens, no entanto, vivem uma realidade ainda mais difícil. Mulheres cis e transexuais se encontram em maior vulnerabilidade e sujeitas a violência unicamente devido à sua identidade de gênero. Além das violações aos direitos humanos, a falta de moradia expõe as mulheres a insegurança menstrual, abusos sexuais e estupro. Trata-se de um cenário aterrador que o poder público e as organizações da sociedade civil não podem deixar de ver.

As mulheres em situação de rua participantes desta pesquisa têm trajetórias de extrema pobreza e sofrimento social. No “Grupo Espírita Casa da Sopa”, elas encontram acolhimento diferenciado, com espaço próprio para banho e troca de roupas, e atividades em grupo e oportunidade de autocuidado, atribuindo novos sentidos às suas trajetórias de vida.

Os círculos de mulheres são uma tecnologia social antiga que contribui com o desenvolvimento das potencialidades pessoais e a formação de uma consciência feminista. O cuidado de si e das outras como expressão de sororidade, uma aliança entre mulheres

com efeitos positivos para a superação das violências, minimiza as vulnerabilidades das mulheres em situação de rua e alarga sua consciência diante da realidade vivida.

No círculo de mulheres do “Grupo Madalenas” se estabelecem práticas que fortalecem a cidadania, trata-se de um espaço de formação de consciência crítica diante da sociedade patriarcal e de seus efeitos nefastos. É nesse sentido que o círculo de mulheres proporciona um espaço de educação voltado à luta pela garantia de direitos.

As políticas que envolvem ações de equidade para a garantia de direitos das mulheres precisam pautar-se pelo protagonismo das próprias mulheres, que são capazes de construir conhecimento sobre si e sobre a realidade que as cerca, em uma perspectiva emancipadora, de resgate da cidadania e decolonial. Nesse sentido, o feminismo decolonial se mostra interseccional, pensa as condições das mulheres em extrema pobreza, negras, em situação de rua etc.: partindo da realidade local das mulheres, constroem-se soluções mediante alianças entre as mulheres.

Referências bibliográficas

Arendt, H. (2006). *A condição humana*. Quarteto.

Bastos, E. (2022, 1º de fevereiro). Ceará cai de posição, mas continua sendo um dos estados que mais mata pessoa trans no Brasil. *O Povo*. <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2022/02/01/ceara-cai-de-posicao-mas-continua-sendo-um-dos-estados-que-mais-mata-pessoa-trans-no-brasil.html>.

Butler, J. (2019). *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Autêntica.

Coldibeli, L. P., Paiva, F. S., & Batista, C. B. (2022). Gênero, pobreza e política públicas de mulheres em situação de rua. In C. E. Esmeraldo, Filho, V. M. Ximenes, & A. F. Esmeraldo, *Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências* (p. x-y). Expressão.

Cordovil, D. (2015). O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. *Estudos Feministas*, 23(2), 431-449.

Davis, Â. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo.

Decreto n. 7.053 de 23 de dezembro de 2009. (2009). Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm.

Esmeraldo, C. E., Filho, & Ximenes, V. M. (2022). Direitos humanos enquanto pobreza na vida das pessoas em situação de rua. In C. E. Esmeraldo, Filho, V. M. Ximenes, & A. F. Esmeraldo, *Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências* (p. x-y). Expressão. pág., 239-266

Euzebio, A., Filho, Souza, I. B. P. S. (2022). As multideterminações do viver nas ruas: ideologia, preconceito e humilhação social. In C. E. Esmeraldo, Filho, V. M. Ximenes, & A. F. Esmeraldo, *Viver nas*

ruas: trajetórias, desafios e resistências (p. x-y). Expressão. pag. 379-394

Faur, M. (2011). *Círculos sagrados para mulheres contemporâneas*. Pensamento.

Fernandes, E. B. (2021). Morte ao patriarcado: fraternidade, irmandade, sororidade. *Cadernos Pagu*, 63, e216309. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449202100630009>.

Frota, M. H. P. (2020). Interpretando a categoria de gênero, de Joan Scott. In M. H. P., & D. R. Alves (Orgs.), *Pluralidades, gênero, violências e resistências* (p. x-y). Edmeta .pag, 16-31

Hooks, B. (2023). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rosa dos Ventos.

Nogueira, R. (2022). *Por que amamos: o que a filosofia e os mitos têm a dizer sobre o amor*. Harper Collins.

Rodrigues, L. V. B. P. (2022). **Solidariedade e resistência:** a trajetória do Grupo Espírita Casa da Sopa. In C. E. Esmeraldo, Filho, V. M. Ximenes, & A. F. Esmeraldo, *Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências* (p. x-y). Expressão.pag.223-238

Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação, uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31(3), pag; 443-466.

Ximenes, V. M. Esmeraldo, A.L, Esmeraldo, (2022). **Processo de discriminação cotidiana e pobreza na vida das pessoas em situação de rua.** In C. E. Esmeraldo, Filho, V. M. Ximenes, & A. F. Esmeraldo, *Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências* (p. x-y). Expressão. Pag 276-284

Para citar este artigo

Norma ABNT

RODRIGUES, L. V. B. P. Feminismo como cuidado: “Grupo Madalenas”, roda de mulheres em situação de rua. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 13, n. 31, p. 103-117, 2023.

Norma APA

Rodrigues, L. V. B. P. (2023). Feminismo como cuidado: “Grupo Madalenas”, roda de mulheres em situação de rua. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 13(31), 103-117.

Norma Vancouver

Rodrigues LVBP. Feminismo como cuidado: “Grupo Madalenas”, roda de mulheres em situação de rua. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado* [Internet]. 2023 [cited Oct 2, 2023];13(31):103-117. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/12211>